



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714 . Alfenas/MG . CEP 37130-000
Fone: (35) 3299-1000 . Fax: (35) 3299-1063



INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

ANA LAURA MARTINS

**OS LIMITES DO HUMOR NEGRO: UMA ANÁLISE SOBRE O PORQUÊ DE O SER
HUMANO RIR DA “DESGRAÇA” DO OUTRO**

ALFENAS/MG

2024

ANA LAURA MARTINS

**OS LIMITES DO HUMOR NEGRO: UMA ANÁLISE SOBRE O PORQUÊ DE O SER
HUMANO RIR DA “DESGRAÇA” DO OUTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena no Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa junto à Universidade Federal de Alfenas (UNIFALMG).

Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr.

ALFENAS/MG

2024

2024

ANA LAURA MARTINS

**OS LIMITES DO HUMOR NEGRO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA SOBRE O
PORQUÊ DE O SER HUMANO RIR DA “DESGRAÇA” DO OUTRO**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova a Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras-Português da Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: _____

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr. (orientador)

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Prof. Dr. Marcos de Carvalho

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Prof^a. Dr^a. Rosângela Rodrigues Borges

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Prof^a. Dr^a. Flaviane Faria Carvalho (suplente)

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Dedico este trabalho especialmente, aos meus pais, os quais me ensinaram e ensinam valores e virtudes que moldaram meu caráter e que me fazem ser uma pessoa melhor, e acima de tudo, me fazem ser forte, pois através da força deles, edifico a minha, para assim construir a minha história eternizando a deles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte deste processo, que tornaram tudo mais leve apesar das dificuldades, especialmente ao Fabio e aos meus amigos Laura, Guilherme, Yasmim e Gabrielle.

Agradeço, principalmente, aos meus pais, José Luiz e Renata, que sempre me fizeram acreditar que eu conseguiria enfrentar tudo aquilo que eu julgava não conseguir, e eles estavam certos.

Agradeço aos meus professores, que me fizeram descobrir um mundo de coisas novas, que mudaram para sempre minha vida, fazendo eu ter uma visão de mundo ampliada e uma mente mais aberta. Entre esses, agradeço, especialmente, ao meu professor e orientador Celso Ferrarezi Junior, pessoa de que sempre me lembrarei e terei orgulho de dizer que fui aluna, pois com ele não aprendi apenas sobre Linguística, Semântica, Morfologia e sintaxe, mas aprendi também curiosidades que eu nunca imaginei, descobri eu poderia me tornar uma pessoa mais compreensiva, e principalmente, descobri que ser professora não é apenas uma profissão, é ser uma peça fundamental para a formação de pessoas e impactar para sempre suas vidas.

*“Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes.
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes:
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir.”*

(Emicida, 2019)

RESUMO

O presente trabalho visa a propor reflexões sobre o humor negro e suas particularidades, discutindo sobre seu papel na cultura e seus limites. O conteúdo foi dividido em cinco seções: na primeira, são discutidos os conceitos de humor e de humor negro, explicando como eles se realizam no dia a dia. Na segunda seção, tem-se o aprofundamento sobre como o humor acontece cognitivamente falando, quais resultados provoca no cérebro humano. Na terceira seção, é discutido sobre o humor na cultura, como ele era visto na antiguidade e como atua nas culturas atuais. A quarta seção traz discussões sobre o humor e a Linguística, qual a importância do humor nos estudos linguísticos e como essa ciência é usada como ferramenta de análise desse gênero textual. A última seção aborda sobre o limite do humor e traz como exemplo o caso recente de Léo Lins e quais as medidas legais foram tomadas contra este.

Palavras-chave: 1. Humor. 2. Humor negro. 3. Piadas. 4. *Scripts* cognitivos. 5. Quebra de expectativa narrativa.

ABSTRACT

This monograph aims to propose reflections on dark humor and its particularities, discussing its role in culture and its limits. The content was divided into five sections: the first discusses the concepts of humor and dark humor, explaining how they are realized in everyday life. The second section delves deeper into how humor occurs cognitively speaking, and what results it causes in the human brain. The third section discusses humor in culture, how it was seen in ancient times and how it acts in current cultures. The fourth section discusses humor and Linguistics, the importance of humor in linguistic studies and how this science is used as a tool for analyzing this textual genre. The last section addresses the limits of humor and uses the recent case of Léo Lins as an example and what legal measures were taken against him.

Keywords: 1. Humor. 2. Dark humor. 3. Jokes. 4. Cognitive scripts. 5. Breaking narrative expectations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONCEITOS DE HUMOR	11
1.1. Conceito de Humor Negro	14
2. O HUMOR NO CÉREBRO - AS BASES MENTAIS DA COMICIDADE	18
3. O HUMOR NA CULTURA	22
4. O HUMOR E A LINGUÍSTICA	25
5. OS LIMITES DO HUMOR	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O humor e o humor negro estão presentes na vida de todas as pessoas desde o seu nascimento. Acontecem, muitas vezes, diariamente e são aceitos em várias ocasiões do dia a dia, mas há alguns pontos que não são refletidos frequentemente: por que nós rimos? Por que achamos uma piada engraçada e outra não? O que provoca humor? Como ele acontece culturalmente? Qual seu papel social? Quais seus possíveis benefícios e malefícios aos indivíduos e à sociedade? Como ele funciona linguisticamente e qual o papel da linguística em sua análise? Qual o limite do humor?

A fim de responder a algumas dessas perguntas, este trabalho objetiva trazer reflexões sobre o humor negro e suas particularidades, discutindo sobre seu papel na cultura e seus limites.

Para melhor explicar estes pontos, o conteúdo está dividido em cinco seções: na primeira, é discutido o conceito de humor e de humor negro, explicando como eles acontecem no dia a dia e suas implicações, os motivos para o humor se realizar e como ele ocorre.

Na segunda seção, aprofundamos a anterior, debatendo sobre como o humor acontece cognitivamente falando, quais resultados provoca no cérebro humano, quão benéfico ele pode ser para a saúde mental e física.

Na terceira seção, é discutido sobre o humor na cultura, como ele era visto na antiguidade e como atua nas culturas atuais, seu papel social de entreter e criar laços entre as pessoas.

A quarta seção traz discussões sobre o humor e a Linguística, qual a importância dela no humor e como ela é usada como ferramenta de análise de textos humorísticos.

A última seção aborda sobre o limite do humor e traz como exemplo o caso recente de Léo Lins, mostrando quais censuras o humorista recebeu, conhecido por suas ácidas piadas, e as demais medidas legais que foram tomadas contra ele.

1. CONCEITOS DE HUMOR

A discussão sobre o que causa o humor normalmente se baseia em um mesmo princípio: o inesperado, a surpresa, algo que está fora do nosso *script* mental em determinado contexto, assim como discute o linguista brasileiro, Sírío Possenti:

Sabe-se que as técnicas humorísticas fundamentais consistem em permitir a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano e que, até o desfecho da piada, parece ser o único possível. (Possenti, 2011, p. 62)

Em outras palavras, o neurocientista cognitivo Scott Weens (2016, p. 42) alega que “nós rimos do que nos obriga a integrar objetivos ou ideias incompatíveis que levam à confusão, dúvida e vergonha, mas a forma do que causa essas reações varia muito”. Ao observar isso, podemos fazer um outro questionamento: Se o humor é resultado de uma confusão, por que ele é tão agradável? Por que ele nos causa prazer? O cientista continua sua teoria dizendo que “o humor baseia-se em etapas, começando com a realização de previsões prematuras sobre o mundo e terminando com a resolução de erros de interpretação que inevitavelmente resultam disso. Sem esse início e fim, nós não rimos.” (Weens, 2016, p. 17). E por isso os *scripts* são importantes, pois, ao se fazer uma piada, primeiramente falamos algo que irá levar o ouvinte a imaginar um cenário e suas possíveis soluções e, ao ver que nenhuma das suas soluções imaginadas é a correta, surge a comicidade.

Quando metas ou informações conflitantes são dadas ao cérebro, ele usa esse conflito para gerar novas soluções, às vezes produzindo ideias que nunca foram pensadas antes. O humor é bem-sucedido porque nos divertimos neste processo, razão pela qual a mente entediada é uma mente sem humor. Temos prazer em passar pela confusão e rimos quando encontramos uma solução. (Weens, 2016, p. 12)

Sendo assim, entende-se que a confusão mental toma forma de humor, tornando a surpresa algo satisfatório, como o próprio autor alega:

A surpresa é especial porque ela nos afeta de muitas maneiras diferentes. É o que torna os problemas de *insight* únicos, porque para estas tarefas não temos ideia do quanto estamos perto de uma solução até já a termos. Isso é o que define problemas de *insight*. (Weens, 2016, p. 72)

Ainda falando sobre os *scripts* mentais, Eagleton também contribui na discussão ao alegar que

o humor surge do impacto entre aspectos incongruentes: uma súbita mudança de perspectiva, um deslize inesperado do significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma momentânea desfamiliarização do familiar e assim por diante. Como temporário “descarrilamento do sentido”, ele envolve a perturbação do processo ordeiro de raciocínio ou a violação das leis e convenções. Ele é, como afirmou D. H. Munro, uma ruptura da ordem usual dos eventos. (Eagleton, 2020, p. 52)

Dessa forma, ao romper com essa ordem usual dos eventos, nosso cérebro fica sem outra alternativa, a não ser rir, pois “a única maneira de o cérebro expressar todas essas ideias complexas é rindo.” (Weens, 2016, p. 117). O humor só é engraçado se ele nos colocar frente a esses tipos de problemas de *scripts*, como Weens afirma, “as piadas são engraçadas porque elas nos obrigam a enfrentar erros de pensamento, por exemplo, erros de *script*.” (2016, p. 181). O autor ainda complementa sua tese ao dizer que “comediantes bem-sucedidos manipulam sua plateia por meio do controle de suas expectativas” (Weens, 2016, p. 249). Sendo assim, qual seria a “fórmula” perfeita para uma boa piada?

O neurocientista citado anteriormente alega que “em primeiro lugar, para funcionar, uma piada deve ativar vários *scripts*. Em segundo lugar, esses *scripts* devem opor-se uns aos outros – e quanto maior for a oposição, mais engraçada a piada.” (Weens, 2016, p. 83). Isso já é uma convenção: ao começarmos a escutar uma piada já esperamos que algo inesperado será falado e assim nos causará o efeito humorístico, pois “quando ouvimos uma piada, construímos certas expectativas, apenas para tê-las violadas para fins de entretenimento.” (Weens, 2016, p. 260)

Além do mais, o humor é uma forma de lidar com desejos reprimidos, como quando você brinca com uma pessoa que é chata, em forma de piada. Mas, na realidade, o que você gostaria de dizer a ela é exatamente o conteúdo da piada, mas não pode por conta do contexto social, por não ser bem-visto pelos outros, dependendo da situação. Porém, ao fazê-lo de forma bem humorada, será facilmente aceito pelos outros, pois como citado por Possenti (1998, p. 92), “é que mesmo as piadas guardam alguma verossimilhança ideológica.”. Podemos interligar esse fato com uma teoria de Freud, que alega que o humor é uma maneira eficiente de o ser humano lidar com conflitos internos e ansiedade:

De acordo com Freud, constantemente desejamos coisas como comida e sexo. Ao mesmo tempo, nossas ansiedades nos impedem de agir sobre esses desejos, levando a um conflito interior. O humor, ao tratar esses impulsos proibidos de forma leve, permite-nos aliviar a tensão interna; em outras palavras, ele nos permite expressar-nos de maneiras anteriormente proibidas. É por isso que piadas bem-sucedidas devem ser pelo menos um pouco provocantes. Muita ansiedade e retemos o riso. Pouca, e não rimos, porque nosso sistema humorístico não está realmente engajado. (Weens, 2016, p. 40)

Assim, o humor vai além do simples propósito de descontrair ou divertir, “o humor faz pelos adultos o que a brincadeira faz pelas crianças, a saber, libera-os do despotismo do princípio da realidade e concede certa liberdade escrupulosamente regrada ao princípio do prazer.” (Eagleton, 2020, p. 21). O filósofo ainda complementa seu pensamento dizendo que “uma piada verdadeira, a piada de um bom comediante, tem que fazer mais que relaxar a tensão, ela tem que liberar a vontade e o desejo, ela tem que mudar a situação”. (Eagleton, 2020, p. 102)

O humor em sociedade também é passível de se tornar ofensivo, dependendo de quem ou do que se está ridicularizando,

Quando se trata dos assuntos da mente, ser alvo de riso significa ter seu argumento diminuído, em vez de contestado de maneira séria; descartado, em vez de refutado; e, assim, trata-se de uma forma particularmente dolorosa de humilhação. (Eagleton, 2020, p. 33)

Dessa forma, às vezes, o humor funciona como uma válvula de escape de tudo aquilo que a sociedade nos impede de falar livremente, através dele, podemos expressar algo que sentimos mas não pode ser dito, pois assim você não será levado tão a sério.

Rimos porque somos capazes de nos libertar da camisa de força da convenção e gozar indiretamente de nossa exultação com a audácia de sermos atrevidos com uma autoridade ou abominavelmente rudes. Em cada caso, há um elemento sádico ou masoquista em ação, e nos regozijamos com o desconforto dos outros ou mesmo (no caso da livraria) do nosso. (Eagleton, 2020, p. 65)

A comédia acaba se tornando uma ferramenta fundamental para a termos coragem e liberdade de seguir em frente de forma mais leve, pois se tudo for tratado com seriedade, viveríamos com vários sentimentos reprimidos e nunca ditos,

Como observou John Roberts, a comédia dá testemunho “da infinita capacidade dos seres humanos de seguirem em frente através de

percepções enganosas, erros e interpretações errôneas, como condição de recuperação e renovação da verdade”. (Eagleton, 2020, p. 45)

1.1. CONCEITO DE HUMOR NEGRO

Uma grande discussão acerca do humor é a respeito do chamado humor negro¹, afinal, por que rimos da “desgraça” do outro? Por que assuntos mórbidos ditos em forma de piada se tornam engraçados invés de tristes? Por que rimos das nossas próprias fraquezas mais profundas e também das de outras pessoas? Algo muito aceito na comunidade científica e filosófica é a que a “noção de humor como forma de alívio constitui a base de uma visão extremamente influente chamada de teoria do alívio”. (Eagleton, 2020, p. 15). Ou seja, ao lidar com um assunto difícil de forma bem humorada, conseguimos aliviar alguns sentimentos reprimidos. Eagleton faz a seguinte citação acerca do assunto:

O humor negro desse tipo alivia a culpa que podemos sentir por nosso deleite com os problemas alheios ao socializar esse deleite, fazendo com que assumamos a forma de uma piada que partilhamos com nossos amigos e que, desse modo, se torna mais aceitável. (Eagleton, 2020, p. 14)

Ainda dentro do humor negro, temos o “humor mórbido”, que nada mais é do que escarnecer da morte, podendo ser da sua própria morte ou da morte de outras pessoas, o que pode parecer de extremo mau gosto, mas que se trata de algo mais profundo segundo Eagleton:

o animal humano é o único que ri porque sofre terrivelmente e precisa imaginar esse desesperado paliativo para suas aflições. Mas, o humor mórbido envolve mais que a negação da morte. Reduzir a morte com uma tirada casual é também soltar os cachorros contra ela pela inquietação que nos causa. (Eagleton, 2020, p. 15)

Podemos pensar nesse humor mórbido fazendo uma interligação, assim como o filósofo liga a “teoria de alívio com o conceito de incongruidade. [...] Herbert Spencer afirmou que “a hilaridade é causada pela golfada de sentimento prazeroso que se segue ao fim de uma tensão mental desprazerosa”. (Eagleton, 2020, p. 15)

¹ A denominação “humor negro” tem sido contestada pelo grupo politicamente correto da sociedade, procurando-se outras denominações como “humor aéctico”, “humor incorreto” ou “humor pernicioso” ou “mórbido”. Neste trabalho, porém, optamos por manter a denominação mais comum, inclusive, aquela que é utilizada na maioria das publicações e discussões públicas sobre o tema.

Com certeza, você já deve ter rido de uma piada ao mesmo tempo em que sentia culpa por estar rindo de um assunto tão delicado ou complexo, o que nos dá mais vontade ainda de rir. Isso ocorre porque, além de rir da piada pelo seu jogo de humor em si, o ser humano está desfrutando de prazer ilícito, o que adiciona mais prazer ao humor da piada.

Nosso riso é tenso porque tanto nos regozijamos com esse prazer ilícito quanto tememos suas consequências. É por isso que estremeçemos ao mesmo tempo que rimos. A culpa, todavia, adiciona certo tempero ao nosso prazer. De todo modo, sabemos que essa conquista é totalmente provisória — e também uma vitória nominal, pois uma piada, afinal, é apenas uma forma de linguagem. (Eagleton, 2020, p. 16)

Para defender seu ponto de vista, Eagleton cita uma argumentação usada por Freud, de que “nas piadas mais inócuas, o humor surge da liberação do impulso reprimido, ao passo que, nas obscenas ou abusivas, surge do relaxamento da própria repressão. Piadas blasfemas também permitem relaxar tais inibições” (Eagleton, 2020, p. 17). Dessa forma, sentimos prazer ao escutar uma piada de humor negro pois “é prazeroso retirar a máscara por um instante e iniciar uma cômica solidariedade de fraquezas.” (Eagleton, 2020, p. 18)

Algo importante de se destacar é o viés libertador do humor negro. Isso acontece porque, ao rirmos de algo que é politicamente incorreto, estamos retirando por um momento a camisa de força que a sociedade nos impõe, deixando que nosso inconsciente se deleite nesse mundo livre de amarras. Dessa forma, “as piadas veiculam seu discurso indiretamente, até porque, em certos casos, fazê-lo abertamente criaria problemas graves para quem ousasse produzir determinados discursos.” (Possenti, 1998, p. 31). É o que Eagleton explica da seguinte forma:

Mas também, podemos ser prazerosamente liberados das exigências do próprio sentido, o que Freud chamou de “compulsão da lógica”, um processo que impõe indesejadas restrições ao indomável subconsciente. Donde nosso deleite no surreal e no absurdo, em um mundo no qual tudo é possível, (Eagleton, 2020, p. 18)

Para entendermos melhor como isso funciona, o autor explica que é

como se, por baixo de nossas faculdades mais racionais, existisse um subtexto mais sombrio, desganhado e cínico que acompanha nosso comportamento social convencional em todos os momentos e que, ocasionalmente, emerge na forma de loucura, criminalidade, fantasias eróticas ou em um exuberante jorro de espirituosidade. (Eagleton, 2020, p. 19)

Mas, não se pode esquecer a nossa responsabilidade social, pois em um mundo com tantos preconceitos, sabe-se que “se tais discursos persistem, é porque são mantidos vivos; e a maneira de mantê-los vivos é enunciá-los, apesar de controlados”. (Possenti, 1998, p. 142). O fato é que, ao usar o humor como desculpa, todos poderíamos humilhar outras pessoas das piores formas possíveis e dizer que “não passa de uma brincadeira”, o que seria frequente, pois ao humilhar uma outra pessoa, o ser humano infla seu ego, como se ele fosse melhor do que aquele que foi humilhado.

É satisfatório e angustiante ver outra pessoa humilhada, em parte porque isso sustenta nosso próprio e enfermo ego e em parte porque, como já sugeri, nos concede certa indulgência indireta para com nossas próprias vulnerabilidades. (Eagleton, 2020, p. 66)

Dessa forma, podemos enxergar que esse tipo de humor mais como uma forma de avaliar a pessoa que o faz do, pois “o humor de insulto diz mais sobre quem conta as piadas do que sobre seus alvos, porque mostra quais são verdadeiramente seus valores.” (Weens, 2016, p. 129). Isso pode vir a prejudicar a própria pessoa que costuma fazer uso desse tipo de comicidade, pois “enquanto estilos humorísticos positivos aumentam os sentimentos de autoestima e conscienciosidade e, possivelmente, até mesmo melhoram a longevidade das pessoas, estilos humorísticos negativos têm o efeito oposto.” (Weens, 2016, p. 237)

Ao discutirmos o motivo do humor negro ser engraçado, não podemos esquecer que, antes de tudo, ele, estruturalmente, isto é, discursivamente, é apenas mais uma forma de humor comum, que utiliza das mesmas técnicas, que tratam principalmente da surpresa, da quebra de expectativa, e “tanto isso é verdade que as mesmas técnicas podem ser encontradas tanto no dito humor negro quanto no humor político, sexista ou de fundo étnico ou racial.” (Possenti, 2011, p. 140)

Portanto, quando se trata de piadas, “quanto mais eficazmente o desfecho leva a um fim surpreendente, mais engraçado é. Não é suficiente que fiquemos chocados ou surpresos. Nosso humor deve levar-nos a um lugar novo, emocionalmente e cognitivamente.” (Weens, 2016, p. 107). Isso explica o motivo de, às vezes, as piadas obscenas serem mais engraçadas que as comuns, pois, quanto mais “baixa” a piada, menos esperado é o seu desfecho. Então, na maioria das vezes, não rimos do conteúdo desses chistes, mas sim do efeito que eles causam. Afinal, “acidentes

graves não divertem ninguém, e o dito humor negro que eles propiciam deriva de fatores que não tem nada a ver com as desgraças.” (Possenti, 2011, p. 140)

2. O HUMOR NO CÉREBRO - AS BASES MENTAIS DA COMICIDADE

Apesar de, na maioria das vezes, todas as piadas utilizarem de métodos semelhantes, os efeitos produzidos naqueles que as escutam podem ser diferentes de pessoa para pessoa (motivo pelo qual algumas delas riem de certa piada e outras não). Isso ocorre porque o que provoca o riso não é o conteúdo da piada, mas a forma como nosso cérebro lida com o conflito que a piada provoca. (Weens, 2016, p. 76). Acerca disso, o neurocientista Scott Weens afirma o seguinte:

os efeitos do humor sobre a mente são os mesmos para todos: substâncias químicas inundam o cérebro, resultando em alegria, riso ou ambos. Embora muitas pessoas pensem que o cérebro seja como uma máquina elétrica, isso é um equívoco. Neurônios individuais dependem internamente de polarização elétrica, mas as conexões entre os neurônios são quase sempre químicas. (Weens, 2016, p. 42)

A respeito dessas respostas químicas que nosso cérebro produz, o autor explica:

nosso cérebro provoca dois tipos de reações a piadas: o P300 e o N400. O P300 reflete um reflexo orientador, uma mudança na atenção dizendo-nos que acabamos de ver algo novo ou inesperado. O N400 é de natureza mais semântica. Ele mede o quanto o novo desfecho é gratificante, e o quanto ele ativa uma nova perspectiva ou *script*. [...] enquanto todas as piadas provocam um P300, somente as engraçadas provocam um N400, porque estas causam uma resolução satisfatória. (Weens, 2016, p. 189)

Além disso, devemos nos lembrar da importância que a comicidade tem para nos autoconhecer e principalmente, reconhecer nossos próprios erros pois, através dela, vemos com mais clareza aquilo que podemos ter feito de errado ou mesmo nossos problemas pessoais mais indesejados. Entendendo nossas falhas de forma mais leve, conseguimos refletir melhor sobre elas, pois “sentimos alegria em reconhecer nossos erros. Embora muitas vezes pensemos que as piadas envolvem a indicação do caminho errado, é na verdade nosso cérebro ansioso que abastece as falsas interpretações.” (Weens, 2016, p. 76). Eagleton também reforça a ideia da importância de aprender a rir de si mesmo como uma fonte de autoconhecimento e autocontrole:

Achar a própria perturbação genuinamente engraçada requer certo grau de *insight* e autocontrole, ao passo que caçoar dos outros é, entre outras coisas, uma maneira de negar as próprias ansiedades. Aprender a confrontar as próprias tribulações sem sentimentalismo ou autoindulgência é, como

consequência, uma lição prática sobre como responder ao sofrimento dos outros. (Eagleton, 2020, p. 102)

Portanto, o humor nos ajudaria a lidar com sentimentos complexos, e isso também valeria para quando rimos de outras pessoas ou grupos: “nós rimos de piadas sobre grupos ou eventos somente quando essas piadas resultam de reações emocionais complexas, porque sem essas reações não teríamos nenhuma outra maneira de responder.” (Weens, 2016, p. 105)

A partir disso, podemos começar a observar quais são os benefícios de ser uma pessoa bem humorada, pois não se trata apenas de formas de fugir da realidade ou de desviar assuntos, mas também, de ter uma vida mais agradável, se soubermos usar dessa ferramenta. Além disso,

pode parecer que o humor apenas serve a interesses próprios, esconde falhas organizacionais e desvia a atenção de tópicos indesejados. Em certo sentido, é verdade, mas ele pode servir a propósitos mais amplos também. Na política, especialmente, o humor pode ser uma arma valiosa. (Weens, 2016, p. 291)

Um ponto interessante sobre o humor é que ele pode ser benéfico para a nossa saúde. Isso acontece pois ele é capaz de nos fornecer uma melhor qualidade de vida, e com isso, a saúde mental estará mais fortalecida, o que pode refletir diretamente em questões físicas. Ele pode não aumentar a expectativa de vida, mas poderá ser um ótimo aliado para enfrentar momentos difíceis e viver de forma mais leve e feliz.

O humor sozinho pode não nos manter saudáveis, mas pode reduzir a quantidade de dor em nossas vidas, seja real ou percebida. Também pode fortalecer nosso coração e sistema imunológico e, presumindo que o usamos positivamente, melhorar nosso bem-estar psicológico também. Então o riso realmente é o melhor remédio, desde que seja combinado com o exercício, uma dieta saudável e uma dose ocasional de penicilina. (Weens, 2016, p. 243)

Outro ponto positivo do humor é que ele “é benéfico à aprendizagem, mas apenas quando se concentra no que estamos tentando aprender.” (Weens, 2016, p. 288). Ou seja, ao utilizarmos o humor em sala de aula por exemplo, os alunos tendem a ter mais interesse pela aula. Mas o professor deve saber dirigir a discussão para que o foco fique somente no que se pretende ensinar. Dessa forma, os alunos irão pensar mais sobre o assunto, pois “o humor obriga nossa mente a trabalhar mais do que se as ideias forem apresentadas de uma forma direta”. (Weens, 2016, p. 289).

Ainda segundo Weens, o humor beneficia tanto o professor quanto o aluno, pois “os professores estão muito à frente do jogo se puderem transformar situações de ansiedade em situações humorísticas que evoluam para experiências compartilhadas”, disse Haggard.” (Weens, 2016, p. 287).

Além dos benefícios de tornar a experiência do ensino mais prazerosa, o humor é benéfico para a própria aprendizagem, pois funciona refletindo o aumento em fluência, flexibilidade e originalidade mentais (cf. Weens, 2016, p. 298), o que torna a sala de aula um dos ambientes mais propícios para usá-lo.

Um dos mais estudados ambientes humorísticos é a sala de aula, onde descoberta após descoberta mostra que os alunos preferem ter aulas com professores divertidos. O humor torna ambientes de aulas mais agradáveis, aumenta a motivação estudantil para aprender e leva a avaliações mais positivas dos professores. (Weens, 2016, p. 287)

Assim, como as ferramentas cômicas mantêm nosso cérebro ativo, elas se tornam importantes para auxiliar no desenvolvimento da nossa cognição de forma agradável, pois

O exercício não nos muda para sempre, e nem o humor. Como forma de exercício mental, o humor mantém nosso cérebro ativo. Nosso cérebro deve ser exercitado regularmente e, quando é bem, nos tornamos capazes de qualquer coisa. (Weens, 2016, p. 298)

Outro ponto interessante sobre o humor é que ele pode alterar a forma na qual é recebido nos cérebros de mulheres e de homens, o que nos leva a enxergar porque, muitas vezes, mulheres riem mais que os homens: não se trata de a mulher ser mais sociável que os homens, mas sim de uma questão cognitiva. Por isso, Weens discorre que a

maior ativação dentro de centros de linguagem e raciocínio do lóbulo frontal sugere que o maquinário analítico cerebral torna-se mais intensamente envolvido em mulheres do que em homens ao ler piadas. Isto indica que ou as mulheres abordam as piadas com uma mente mais aberta, permitindo que seu cérebro se engaje uma vez que a piada começa, ou que elas dedicam mais esforço cognitivo para chegar a uma resolução quando ela termina. (Weens, 2016, p. 161)

O mesmo também acontece quando comparamos crianças a adultos. Você já deve ter notado que crianças facilmente riem de qualquer coisa. Isso ocorre devido aos seus poucos conhecimentos de mundo. As crianças são mais liberais, e não tão “amarguradas” como os adultos:

crianças são tolas se não forem liberais, assim como os adultos são tolos se não forem conservadores, e isto pode muito bem ser verdade, pelo menos em termos de plasticidade cerebral. Cérebros jovens são flexíveis e abertos, levando a uma afinidade com o liberalismo e piadas de elefante. O conflito é menos um problema para as crianças do que para os adultos porque as ajuda a crescer e aprender. Mas à medida em que envelhecemos, nossas perspectivas se alteram. A mudança torna-se menos bem-vinda, assim como o absurdo, e a aprendizagem torna-se menos importante do que fazer as coisas se encaixarem. (Weens, 2016, p. 171)

3. O HUMOR NA CULTURA

Que o humor é algo cultural não é novidade, pois afinal, tudo que existe tem sua carga cultural, como Possenti afirma ao dizer que “o humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é” (2011, p. 139). O que queremos trabalhar aqui é como esse humor acontece culturalmente, qual seu papel em sociedade, quando ele pode ou não ser utilizado. Isso pode ser visto de formas diferentes, mas algo que não podemos negar é que o humor claramente constrói laços dentro dos grupos sociais (Weens, 2016, p. 292). É por isso que existem algumas piadas que só fazem sentido se estiverem inseridas em um certo grupo, pois elas vão além de uma técnica: seus conteúdos podem tratar de diferentes temas, e dessa forma, para rirmos desses temas eles devem ser familiares, como dito por Possenti:

Devem-se conhecer traços da cultura para entender piadas e rir delas? É óbvio. Mas, não se pode esquecer que também se devem conhecer aspectos da cultura para entender histórias infantis, mitos locais, receitas culinárias, aspectos da legislação, regras políticas, o que gritam os torcedores nas tardes de domingo etc. (Possenti, 1998, p. 42)

Dessa forma, podemos enxergar que a cultura é um elemento fundamental para que uma piada funcione, assim como também é importante para que qualquer outro tipo de texto seja interessante, mas isso não significa que o fator cultural seja algo exclusivo do humor. Possenti explica isso da seguinte forma:

as piadas são culturais. Isso é certo, mas esse traço não separa as piadas de nenhum outro tipo de texto, nem de outra coisa qualquer, não contribuindo, portanto, para sua explicação ou caracterização. Se quiser ficar nesse domínio, é necessário explicitar quais fatores culturais são relevantes para quais aspectos das piadas e, principalmente, quais fatores culturais distinguem piadas produzidas num país ou numa cultura das piadas produzidas em outro país ou em outra cultura. Caso contrário, trata-se apenas de um chavão inútil. (Possenti, 1998, p. 42)

Com isso, entramos em uma discussão que pode ser amplamente aprofundada: O humor é universal? De certa forma podemos dizer que sim, pois apesar de certas piadas funcionarem apenas em certas comunidades/sociedades, na grande maioria das vezes, a técnica aplicada nelas é a mesma utilizada em outras comunidades que podem não ter nem uma relação uma com a outra. Possenti afirma que “a tese de que o humor é universal dá conta de casos mais numerosos e, além disso, explica melhor

as questões mais relevantes do campo, quais sejam, os temas e a natureza das técnicas.” (Possenti, 2011, p. 140). O que se discute é que há apenas alguns tipos de piadas, ou seja, as mesmas técnicas sempre se repetem em culturas diferentes, o que muda é o conteúdo dessas piadas, exceto aquelas que fazem humor com a própria língua.

uma pesquisa em coletâneas mostra o quanto as piadas são relativamente poucas. Em outras palavras, frequentemente são as mesmas que são repetidas com pequenas variações, muito frequentemente trocando-se apenas as personagens. Só há, aparentemente, um tipo de piada que não pode ser repetida, ou que não é transcultural: as que dependem estritamente de fatores linguísticos e, portanto, só podem funcionar no interior de uma língua ou de línguas estreitamente aparentadas. (Possenti, 1998, p. 43)

Com isso, o autor resume a questão cultural do humor em dois pontos: “a) que os mesmos temas se repetem em todas as culturas; b) que, com muita frequência, há também uma repetição das técnicas.” (Possenti, 2011, p. 143).

Mas, não é por isso que o humor deixa de ser importante para a cultura, pois ele pode servir como forma de manifesto e até mesmo de representatividade. Por isso, o humor

não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os, ridicularizando-os... Exatamente como ocorre na sua relação eventual com a literatura (ou o cinema). Como se sabe, trata-se de um debate quase infinito. (Possenti, 2011, p. 179)

Porém, em outros tempos, o humor era um fator determinante para separar em sociedade aqueles que eram tolos daqueles que tinham maior prestígio social, pois o humor era visto como algo “vulgar”, como Eagleton comenta “Desde os primeiros tempos, o riso parece ter sido uma questão de classe, com uma distinção firmemente imposta entre a diversão civilizada e o cacarejo vulgar.” (Eagleton, 2020, p. 70). Esse tipo de ideia era tão bem aceita na época que até mesmos grandes filósofos como Aristóteles e Platão a defendiam:

Aristóteles insistiu na diferença entre o humor dos bem e mal-educados [...] A república, de Platão, é severamente contrária a expor os cidadãos ao ridículo e se contenta em abandonar a comédia em grande parte aos escravos e estrangeiros. (Eagleton, 2020, p. 70)

Essa preocupação se dava muito por conta do tom de irresponsabilidade que o humor pode passar, isso é, o humor pode ser uma ferramenta que altera o equilíbrio de uma sociedade séria, segundo Eagleton:

A comédia representa uma ameaça ao poder soberano não apenas por causa de sua natureza anárquica, mas porque ela não leva a sério questões tão momentosas quanto o sofrimento e a morte, assim diminuindo a força de algumas das sanções judiciais que as classes governantes tendem a esconder na manga. Ela pode gerar uma despreocupação que afrouxa o punho da autoridade. (Eagleton, 2020, p. 71)

Mas não podemos esquecer para qual finalidade o humor é mais utilizado na atualidade: para socializar. Quando provocamos humor em um ambiente, normalmente nossa intenção é que todos presentes se sintam mais à vontade em nossa companhia, para a descontração (salvo por tristes ocasiões em que o humor é usado para oprimir alguém). A respeito desse humor sociável, Eagleton discute que:

Não rimos disso ou daquilo, mas para mostrar que nos regozijamos na companhia do outro e não lhe desejamos mal - para mostrar, por exemplo, que não estamos prestes a iniciar uma crítica brutalmente franca de seu caráter ou aparência física -, e o outro ri, por sua vez, porque exulta com essa cordialidade e também pretende expressar a mesma mensagem. [...]

Temos prazer em agradar aos outros, mas também em deixá-los ver que estamos bem-dispostos em relação a eles e desejamos entretê-los, um entretenimento que é intensificado por sua feliz resposta a nosso bom humor e por seu similar desejo de serem agradáveis. (Eagleton, 2020, p. 82)

4. O HUMOR E A LINGUÍSTICA

Desde a infância, vemos charges e piadas sendo amplamente utilizadas em livros didáticos de língua portuguesa como exemplos para serem analisados semanticamente e gramaticalmente. Isso acontece pois, além de despertar o interesse dos alunos, esse tipo de texto sempre deverá ter um bom jogo linguístico e discursivo, como Possenti comenta:

Além de serem bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística, as piadas fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas. Por exemplo, para as teses contrárias à concepção da língua como código, já que, muito frequentemente, veiculam um sentido indireto. (Possenti, 1998, p. 37)

Ao analisar semanticamente as piadas, percebemos que sempre haverá um jogo de linguagem envolvido pois, afinal, uma piada só funcionará se o receptor se sentir confortável e entender o tipo de linguagem que está sendo utilizada. Logo, somente assim ele conseguirá ter o *insight* que o levará ao humor. É assim porque “textos humorísticos supõem que o leitor perceba algum jogo de linguagem (um duplo sentido, um deslocamento etc.)” (Possenti, 2011, p. 38). Portanto, podemos reconhecer alguns padrões entre as piadas e uma delas “é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo/negativo.” (Possenti, 2011, p. 42). Isso ocorre porque “A piada opera sobre dois cenários possíveis, do ponto de vista semântico, e desqualifica a hipótese de haver dúvida sobre a escolha correta do interlocutor.” (Possenti, 1998, p. 55). Para melhor explicar o assunto, vale destacar o seguinte trecho do autor:

é preciso que a segmentação alternativa encontre fundamento na língua, isto é, que produza um novo enunciado, mais ou menos usual. Mais usual, se a segmentação produzir um enunciado da língua, do ponto de vista gramatical, isto é, se nenhuma das unidades é utilizada ou criada ad hoc: menos usual, se o resultado for inusitado, não corrente, do ponto de vista gramatical ou semântico. (Possenti, 1998, p. 77)

O linguista também destaca que “o texto humorístico exhibe claramente uma propriedade geral da linguagem (a passagem de um para outro sistema de referência), que, no entanto, nem sempre se manifesta claramente.” (Possenti, 1998, p. 76). Dessa forma, podemos ver através das piadas “que as palavras têm o sentido que têm em

discursos definidos e que, saindo deles, têm outro, mas também de que esta "saída" pode ser forçada ou ad hoc." (Possenti, 1998, p. 89)

Um exemplo de como o humor tem a propriedade geral da língua, está nos processos de segmentação alternativa pois, através deles, pode-se causar ambiguidade e, assim, levar o receptor da piada ao riso, pois ele pensará em uma coisa e na verdade será outra, fazendo a quebra de *script* vista anteriormente. Acerca do assunto, Possenti cita:

O procedimento de segmentação alternativa é um dos mais poderosos meios de produzir humor. Ele produz a maioria dos jogos de linguagem conhecidos. Além disso, é um dos mecanismos de produção de humor mais estudados, talvez injustamente. (Possenti, 1998, p. 96)

Disso vem a pergunta: então o humor é uma técnica de manipular as expectativas de seus ouvintes e não um "dom" natural de fazer as pessoas rirem, de ser engraçado? Possenti relembra o humorista L. F. Veríssimo alega não ser "pessoalmente engraçado, o que provavelmente é verdadeiro, e que faz humor porque isso é apenas uma questão de técnica, o que talvez seja simplificar demasiadamente as coisas." (Possenti, 1998, p. 125)

Além da técnica, há outros critérios a serem avaliados para se determinar como o humor é produzido, pois não é toda quebra de expectativa que é engraçada e, da mesma forma que uma piada que pode ser engraçada para uma pessoa, não o será para outra. Além disso, não é todo tema que é engraçado. Podemos verificar este fato na seguinte citação:

só há piadas, isto é, a humanidade só faz piadas (chistes, anedotas, caricaturas, humor em geral) sobre temas controversos, ou seja, temas sobre os quais há uma razoável pleora de discursos, cada um deles enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente (o que gera a controvérsia). Em outras palavras, não há piadas sobre temas que não interessem a ninguém, ou que só interessem a poucos, e sobre temas sobre os quais há um único discurso, um único ponto de vista corrente. (Possenti, 2011, p. 12)

Dessa forma, dificilmente conseguiremos uma "fórmula linguística mágica" para o humor, devido a sua alta complexidade,

as piadas são textos proporcionalmente complexos, em especial se for considerada sua típica brevidade, e relevantes para a análise do discurso, sobretudo pelo seu modo de funcionamento linguístico, sempre com fortes ingredientes de implicitude, de ambiguidade e de apelos intertextuais. (Possenti, 2011, p. 14)

Todavia, há estudiosos que defendem que podemos dividir as causas do riso em categorias, que normalmente sempre se repetem em diferentes locais, países e culturas. Obviamente, que as referências serão diferentes entre uma piada que foi feita na China e uma que foi feita no Brasil, mas as causas gerais, normalmente, podem ser reduzidas a três, segundo Possenti:

As causas do riso podem ser reduzidas a três: o rebaixamento, físico ou moral, posto em relevo pela clássica teoria de Aristóteles (s/d); a economia psíquica, sempre acompanhada de alguma liberação do reprimido, tese central de Freud (1969 [1905]); e a boa técnica, a forma surpreendente, tese que também está no centro da teoria freudiana, mas que é posta em relevo por Hobbes, segundo Skinner (2002). É bem provável que, em numerosos textos jocosos, os três elementos, ou pelo menos dois, funcionem em conjunto, de forma que o efeito de humor é, a rigor, sobredeterminado. (Possenti, 2011, p. 51)

5. OS LIMITES DO HUMOR

Um dos comediantes mais conhecidos no Brasil por fazer humor negro é artisticamente conhecido como Léo Lins, o humorista em 2024 foi processado e sofreu repressões por conta de suas piadas, que frequentemente agridem minorias e disseminam diferentes formas de preconceito. Em uma das suas piadas mais famosas, Lins diz:

Eu acho muito legal o Teleton, porque eles ajudam crianças com vários tipos de problema. Vi um vídeo de um garoto no interior do Ceará com hidrocefalia. O lado bom é que o único lugar na cidade onde tem água é a cabeça dele. A família nem mandou tirar, instalou um poço. Agora o pai puxa a água do filho e estão todos felizes. (Carta Capital, 2024)

Em outra piada que ele conta em seus shows, se ouve:

Foi como no caso da família que se reuniu quando o filho mais novo estava dormindo. Ele tinha câncer e o pai queria usar todo dinheiro disponível para o Natal para comprar um presente incrível para ele, já que os médicos disseram que ele tinha apenas alguns meses de vida. No Natal, ninguém ganhou nada e o menino ganhou uma puta bicicleta cara. Só que o pirralho era pé-no-saco e começou a gozar dos irmãos:
- Eu tenho bike e você não teeeeemmm. E virava para o outro irmão e:
- Eu tenho bike e você não teeeeemmm.
O irmão mais velho, depois de aguentar isso uma meia hora, virou pra ele e disse:
- Eu não tenho câncer e você teeeeemmm...

Aqui, voltamos ao ponto que já foi citado anteriormente, no qual Weens defende que “o humor de insulto diz mais sobre quem conta as piadas do que sobre seus alvos, porque mostra quais são verdadeiramente seus valores.” (Weens, 2016, p. 129).

Normalmente, uma pessoa comum não riria de situações como essas fora do contexto humorístico, mas o que faz com nosso cérebro, por acaso, achar piadas como essas engraçadas, é a confusão mental causada pela surpresa com o desfecho. E isso ocorre porque, como anteriormente citado, “Nós rimos de piadas sobre grupos ou eventos somente quando essas piadas resultam de reações emocionais complexas, porque sem essas reações não teríamos nenhuma outra maneira de responder.” (Weens, 2016, p. 105).

Ou seja, rir de piadas tão ofensivas quanto essas não significa propriamente que a pessoa que ri tem índole duvidosa, pois talvez tenha sido a única forma que seu cérebro encontrou para reagir a algo assim. Mas, esse tipo de chiste diz muito sobre

o caráter da pessoa que as faz, pois ao contrário daquele que escuta, que é pego de surpresa, a pessoa que faz esse tipo de humor pensa no que vai falar e já premedita qual será a reação do seu ouvinte/leitor.

O que é interessante de se observar é que a mesma técnica utilizada nas piadas em questão, pode ser usada em piadas que não utilizam o humor negro. Linguisticamente falando, podemos reconhecer que a segmentação alternativa está sendo utilizada no trecho citado, pois ao dizer que “único lugar na cidade onde tem água é a cabeça dele”, o autor faz o texto se tornar ambíguo, o que causa o humor, pois como já sabemos “as palavras têm o sentido que têm em discursos definidos e que, saindo deles, têm outro, mas também de que esta "saída" pode ser forçada ou ad hoc.” (Possenti, 1998, p. 89)

Mas, cremos que, no balanço ético das consequências para as pessoas afetadas por esse tipo de discurso, não podemos tirar totalmente a responsabilidade das pessoas que consomem o humor negro, pois afinal, elas também sabem que o humorista a que vão assistir ou o site a que vão ler costumam ofender vários grupos de pessoas e, mesmo assim, continuam consumindo seus conteúdos e, automaticamente, apoiando e incentivando esse tipo de ação.

Além disso, as pessoas possuem limites morais e éticos diferentes do que vão achar engraçado ou não, como citado por Weens: “o humor, especialmente o humor ofensivo, é idiossincrático. As pessoas têm limites diferentes para o que acham ofensivo e elas variam muito em suas respostas quando esse limite é ultrapassado.” (Weens, 2016,p. 33)

Com isso, surge uma dúvida hoje recorrente no âmbito das redes sociais e do jornalismo: qual seria o limite do humor? Legalmente falando, não existe no Brasil uma lei que regulamente o texto humorístico ou a profissão do humorista, mas temos o artigo 5 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que assegura o direito à liberdade de expressão, mas deixa claro, no parágrafo X, que essa liberdade não é absoluta, devendo respeitar alguns princípios morais, uma vez que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.” (Brasil, 1988).

Dessa forma, podemos interpretar que o humor é livre, mas a margem da liberdade de expressão chega até onde ela pode causar danos à intimidade, à vida

privada, à honra e à imagem de outras pessoas, como rege o texto constitucional. Ou seja, o direito à liberdade de expressão acaba onde o direito à dignidade do outro começa.

O maior problema nesses casos é que, geralmente, o humor negro é impessoalizado. Não se citam nomes de pessoas reais nas piadas, nem se aponta para pessoas da realidade, sendo que o humorista pode alegar que não estava falando de alguém, que era só uma piada, só fantasia. Portanto, se a pessoa se ofendeu, isso foi uma iniciativa própria, um ato de ela mesma se relacionar ao conteúdo da piada e não de o humorista ofender alguém. Algo realmente difícil de se definir. Mas, o Brasil não tem aceitado essa explicação de forma passiva.

Como exemplo disso, o próprio comediante Léo Lins vem sofrendo graves repressões desde 2023 devido ao seu humor ofensivo. Nesse ano citado, além do autor ter sofrido bloqueio de suas redes sociais, outras medidas cautelares também foram tomadas, sendo elas: a. a proibição de divulgação de conteúdo ofensivo, sendo a ele proibido divulgar conteúdos do tipo “humor negro” e obrigado a retirar de suas redes sociais todas as publicações que se enquadram nesse gênero; b. a censura em apresentações sendo proibido realizar os discursos preconceituosos também em suas apresentações presenciais; c. a restrição de viagens; e d. a apresentação mensal à comarca de sua cidade. (cf. Guimarães, 2023)

Finalmente, podemos ver que a Lei Nº 7.716 criminaliza algumas formas de preconceito, sendo elas o preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Mas, sabemos que essa lista deveria? ser maior e ter penas mais longas, pois segundo a lei, o autor poderá sofrer de dois a três anos de reclusão (Brasil, 1988). Tal reclusão, ainda mais que será apenas parcialmente cumprida em regime fechado, é normalmente considerada uma pena pequena. Ademais, deve-se levar em consideração que, dependendo da proporção que uma piada pode tomar, seus efeitos podem ser gravemente prejudiciais às vítimas do preconceito veiculado pelo texto dito humorístico.

Não queremos, com isso, afirmar que o humor negro deve ser proibido e criminalizado. O que cremos ser importante é ter discernimento para estabelecer limites de conteúdo que não se caracterizem como contravenções legais que podem prejudicar a vida das pessoas, mesmo que elas não venham a consumir diretamente esse tipo de produção cada vez mais restrita no mundo todo – diga-se. Também, cremos que deve haver limites de idade para consumo e de divulgação para esse tipo

de conteúdo, de maneira a permitir que sua audiência seja completamente voluntária e consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo apresentado, foi possível verificar que nós não rimos à toa, mas sim por conta da confusão mental que as piadas ou situações embaraçosas nos colocam, e frente a esse tipo de problema, nosso cérebro não consegue ter outra ação a não ser a comicidade. Logo, o humor é, normalmente, uma forma de defesa cognitiva contra o inesperado, o imprevisível. Dessa forma, grande parte das vezes o que provoca o humor é a surpresa, a quebra de expectativas.

Algo interessante que também foi visto é como o humor acontece em cada indivíduo. Quando ele é alcançado, a resposta é a mesma para todos: reações químicas que inundam nosso cérebro, provocando risadas e alegria. Porém, pode acontecer de uma piada ser engraçada para uma pessoa e não para outra. Isso acontece, pois cada pessoa tem o seu próprio limite sobre o que achar engraçado ou não, e isso é construído a partir da experiência de vida e da visão de mundo de cada pessoa.

A cultura é um fator importante para o humor, mas não exclusivo, pois para entendermos uma piada devemos conhecer os elementos que estão sendo abordados nela. Porém, algo inegável é o papel da comicidade na cultura. Ela se faz importante pois constrói laços e aproxima as pessoas, podendo tornar até a sala de aula um lugar mais acolhedor e facilitar a aprendizagem. Ao mesmo passo, ela pode ser usada como forma de exclusão e disseminar preconceitos.

Algo muito importante é destacar o quão ricas as piadas são, linguisticamente falando. Para funcionarem, elas devem ter bons jogos de palavras e instigar nossa curiosidade, para criarmos cenários possíveis e eles serem posteriormente quebrados, provocando o humor. Isso explica o fato de que, desde a infância, temos piadas e charges em livros didáticos para exercícios de gramática e interpretação, pois sem um bom jogo semântico uma piada não funciona.

O que é mais popularmente discutido atualmente é qual o limite do humor - e se há ou deve haver um limite. Legalmente falando, não há leis brasileiras que regulam os limites do humor, mas há leis que defendem a liberdade de expressão. Porém, essa liberdade não pode ultrapassar a margem da individualidade do outro, ou seja, não pode ferir a imagem nem a honra de outras pessoas. Assim, as leis brasileiras têm

pequenas punições frente aos crimes de ofensa pessoal, seja difamatória, caluniosa ou discriminatória.

Frente aos fatos, o presente trabalho torna-se relevante pois discorre sobre fatos importantes a respeito do humor e sobre os seus benefícios e malefícios. O humor é, na verdade, muito importante para a vida de todas as pessoas, mas ao praticá-lo, cremos que devemos sempre nos lembrar de respeitar a dimensão moral e individualidade das outras pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARELO. Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar. 25 de junho de 2019. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARTACAPITAL. Entenda a decisão judicial contra o humorista Léo Lins por piadas sobre escravidão. CartaCapital. 15 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/entenda-a-decisao-judicial-contra-o-humorista-leo-lins-por-piadas-sobre-escravidao/>>. Acesso em: 21 maio 2024.

EAGLETON, Terry. Humor: o papel fundamental do riso na cultura. Editora Record, 2020.

GUIMARÃES, Nino,. Léo Lins vira réu em processo criminal por piadas com minorias e tem redes suspensas. JOTA Info. Disponível em: <<https://www.jota.info/justica/leo-lins-vira-reu-em-processo-criminal-por-piadas-com-minorias-e-tem-redes-suspensas-05092023?non-beta=1>>. Acesso em: 21 maio 2024.

POSSENTI, Sírio. Humor, língua e discurso. Editora Contexto, 2011.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. (No Title), 1998.

RODRIGUES, JOHNATHAN. O humor, a censura e os limites da Liberdade de expressão. Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-humor-a-censura-e-os-limites-da-liberdade-de-expressao/1841210299>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

WEEMS, Scott. Há! A Ciência do Humor. DVS Editora, 2016.